



LUCAS NOGUEIRA

no estacionamento às 2h...

VENHA
SOZINHO

no estacionamento às 2h...

VENHA SOZINHO

LUCAS NOGUEIRA

Copyright © 2024 by Lucas Nogueira

Todos os direitos reservados.

Essa é uma obra de ficção. Todos os personagens aqui escritos são maiores de dezoito anos e criações de seu autor. Toda e qualquer semelhança com a realidade é mera coincidência.

Esse livro contém descrições explícitas de sexo, bem como de atos sexuais violentos e consensuais.

É proibida a distribuição ou cópia, seja em mídia impressa ou eletrônica, sem a devida autorização escrita do autor.

Capa

Lucas Nogueira

Imagem de capa

Jesus Con S Silbada @ Pexels

Índice

[Venha sozinho](#)

Venha sozinho

NovinhoAdv: Procurando homem com aparência de homem. Gosto de chupar, mas sou atv. Novinho advogado dotado, querendo *brotheragem* sem frescura.

Sem afeminados
Só com camisinha
Curto raio

PassivoGuloso: Local ?

NovinhoAdv: Tô de carro.

PassivoGuloso: Vai passar aqui?

NovinhoAdv: N

NovinhoAdv: Tá por onde?

PassivoGuloso: Pertinho do centro, na esquina da... com a praça.

NovinhoAdv: Tô no estacionamento do mercadão

NovinhoAdv: Passa aqui

PassivoGuloso: No estacionamento?

NovinhoAdv: Tá vazio

NovinhoAdv: Vai me deixar de pau duro aqui?

NovinhoAdv: Vem sozinho

Rafa poderia jurar que conhecia o homem na foto que agora estampava seu celular. Apesar do rosto quase não aparecer, o torso bem definido, as tatuagens e o tanquinho lhe chamaram muito a atenção. As outras fotos, de terno e gravata, também ajudaram a fazer seu pau pulsar dentro do calção que ele usava. Enquanto conversava, apertava o volume com a mão, pressionava até pulsar, e às vezes enfiava a mão dentro pra sentir seu pau quente.

O tal *advogado* estava há menos de trezentos metros de distância. Da janela do seu quarto, conseguia ver o estacionamento do mercado na esquina, sempre aberto mesmo que o mercado, em si, fechasse logo antes das dez horas. Do ponto em que estava, no entanto, não conseguia ver boa parte das vagas, o que provavelmente escondia o carro de seu advogado misterioso.

Aquela era uma situação arriscada. Poderia estar caindo em uma enrascada e ser assaltado era o menor dos problemas. Mesmo assim, as fotos já foram suficientes para que ele pensasse somente com a cabeça de baixo. Olhou mais uma vez para o rosto quase oculto, o maxilar bem marcado, e então pro *nude* enviado logo em seguida. Não tinha jeito, seu corpo já ansiava por aquele homem.

Vestiu uma regata branca e não se preocupou em calçar um sapato, descendo do apartamento de chinelo havaianas branco e tudo. Colocou somente um perfume, na esperança de que o homem notasse. Quando desceu, o pequeno condomínio escondido na escuridão, apenas o porteiro parecia acordado, dentro de sua guarita, olhando um filme em seu celular.

— Falou — ele disse, usando a *tag* para destrancar o portão. Antes de sair, virou-se para guarita novamente. — E aí cara, vou deixar a chave aqui contigo, pode ser? Pego daqui a um pouquinho, vai ser coisa rápida.

O porteiro olhou desconfiado, mas aceitou a chave.

— Sabe como é, perigoso andar assim na rua essas horas.

Virou-se antes que o porteiro pudesse desistir. Ele já tinha deixado o celular em seu quarto e estava deixando o condomínio sem nada além do seu corpo, rezando para que não fosse precisar do aparelho.

Quando ele caminhou por detrás das sombras das árvores, iluminadas pela lua, ainda na calçada de casa, o estacionamento na esquina se expandiu em sua visão. Agora, ele via um único carro *sedan* estacionado, na última vaga contra o muro entre o mercado e a propriedade ao lado. O veículo era tão escuro que escondia-se na sombra do prédio, apenas os faróis semiacessos servindo de iluminação.

A rua estava deserta. Os poucos postes de luz iluminavam boa parte da rua, mas em ambas as esquinas não havia sinal algum de carros ou transeuntes. Nos prédios ao redor, apenas algumas janelas iluminadas. Para uma das maiores cidades da região metropolitana de Porto Alegre, o centro era deserto e até aterrorizante às duas horas da manhã.

Os vidros do carro eram fumê, algo que ele tinha certeza ser proibido. Mas ele não conseguia pensar em leis de trânsito no momento, somente no fato de que não conseguia enxergar nada dentro do veículo. Atravessou a rua sem olhar para os dois lados, as mãos fechadas em punho ao lado do corpo, e sentiu suas pernas tremerem quando pisou no estacionamento.

Não é como se ele nunca tivesse feito isso, pelo contrário. Mas nunca *tão* perto de casa, uma coincidência que ele adoraria ignorar não fosse a seca de duas semanas que ele encarava. Precisava transar, precisava colocar o pau de outro homem na boca, e o tesão falara mais alto ao aceitar aquilo. O homem, novinho, advogado, ou quem quer que fosse poderia imaginar onde ele morar, poderia ter visto o momento em que ele deixou o condomínio.

Quando aproximou-se do carro, ainda longe o suficiente para poder desistir, escutou o som das portas destrancando. Agora não tinha mais volta. Contornou a frente do carro, a barriga se revirando em antecipação, e abriu a porta do passageiro. Jogou-se no banco sem olhar para o outro e somente quando fechou a porta, se sentiu obrigado a levantar o olhar.

O novinho advogado era, no fim, o *novinho advogado*. Seu rosto era bem marcado e bonito, os cabelos eram de um loiro escuro, quase areia, e sua pele branca e marcada por algumas tatuagens. Ele tinha os lábios grandes, mas não grossos, e um cavanhaque e bigode muito bem cortados.

— E aí, cara – disse, uma mão no volante, a outra apoiada no banco do passageiro. Ele observava o recém-chegado de cima a baixo, os olhos quase pegando fogo. Quando caíram em seus pés, somente de chinelos, ele meneou a cabeça, satisfeito. — Cê é mó gostosinho.

— Tu também... – Rafa disse, a voz levemente trêmula.

O novinho, que de fato era novinho e não deveria passar dos vinte e dois anos, trancou as portas novamente e desligou a luz de dentro do carro. Agora eles estavam no completo escuro, apenas com a luz de um poste ao longe iluminado um pouco da rua. Rafa sentiu a mão direita do outro pesar em suas coxas, subindo por sua virilha antes de pegar em seu pacote, balançando forte e pesado.

— Te vi durinho desde que apareceu lá na esquina – ele disse, apertando mais.

— Tô assim desde antes – Rafa respondeu, abrindo mais as pernas para que o garoto tivesse espaço para mexer suas mãos. A silhueta no escuro mostrava que ele estava bem mais perto do que antes e sua respiração pousava quente em seu pescoço.

— Tira a bermuda aí, meu – o novinho disse e, pelo movimento, o outro viu que ele fazia o mesmo. Logo os dois estavam com as bermudas arriadas até as panturrilhas. A mão do garoto segurou seu pau novamente, com mais vontade, apertando a base e a cabeça, sentindo cada centímetro.

— Só mostrou o rabo no *app* e não disse que tinha um pauzão. Toca no meu, pra ti ver...

Rafa tocou sem pensar duas vezes. O pau do garoto era longo e grosso, curvado para baixo como um gancho, e seus dedos sentiam veias grossas atravessarem sua extensão.

— Grandão, né? – o novinho disse.

— Bem maior que o meu – ele respondeu, começando a mexer a mão em movimentos espaçados de cima pra baixo. O advogado também deveria estar duro há muito tempo, porque seu pau pulsava e latejava como uma pedra, a cabeça escorria pré-goço e as bolas estavam encolhidas, cheias.

— Vem mais pertinho – disse, lhe puxando pela cintura, de modo que ele ficasse com metade do corpo no banco e metade fora. Sentiu a mão apertar o peso em seu pau, e logo outra começou a massagear seu saco. — Entendeu direitinho o que eu disse lá né, não quero frescuras...

O medo e o nervosismo haviam deixado seu corpo, dando espaços para uma excitação que ia além do seu pau; cada pelinho do seu corpo estava arrepiado e sentia seu cuzinho piscar. O pau já deveria estar babando os dedos do garoto, assim como os seus já estavam melados.

— Deixa eu mamar – Rafa disse, sem esperar uma resposta. Pressionou seu corpo contra o do novinho, curvando-se sobre ele, e engoliu seu caralho de uma só vez. A curvatura para baixo ajudava no movimento e o pau deslizou por sua língua até a garganta. Já era profissional nisso, havia crescido chupando os moleques da rua e os primos, mas aquele pau era grande demais até pra ele; quando a cabeça atingiu sua garganta, ele engasgou, afastando-se com a garganta dolorida. — É grande demais... caralho.

O advogado segurou seu cabelo com a mão direita e seu caralho com a esquerda, começando a bater em seu rosto com o pau algumas vezes antes de colocá-lo de novo na sua boca. “Tenta de novo”, ele disse, e deixou que ele o chupasse com vontade, babando e estalando a cabeça, sentindo as veias na sua boca, e masturbando o resto do cacete que ficava pra fora. Enquanto isso, o novinho se ocupava em abrir suas nádegas, esfregando seus dedos no cuzinho seco e apertado dele, enchendo os dedos com sua saliva e depois tentando entrar. Fez isso duas vezes, sempre com os movimentos bruscos, desesperados, e Rafa gemia baixinho com a boca no pau; ele não gostava de brusquidão sem qualquer lubrificante, mas seu

cuzinho piscava a cada movimento e estava difícil esconder o que ele queria.

— Isso, chupa ele todo igual macho – o garoto disse, pressionando mais uma vez. Rafa tentava enfiar o pau todo na garganta e nisso engasgou umas três vezes, uma sempre mais molhada com a outra. A barriga era coberta por uma camada fina de pelinhos e seu pau era repleto de pentelhos dourados, que ele segurava e alisava enquanto pagava o melhor boquete da sua vida. — Tem quantos anos, meu? – o advogado perguntou, de repente.

Ele respondeu alguma coisa ininteligível, com a língua ainda enrolada na pica.

— Fala direitinho, tira ele da boca.

— Dezesete – respondeu, o coração pulsando forte contra a coxa do outro. Ele sentiu quando o garoto pressionou sua cabeça de volta para o seu pau, gemendo mais alto do que antes, quase como um urro do fundo da sua garganta.

— Tá perto de fazer dezoito, mano?

Rafa negou, dessa vez sem se preocupar em responder com o caralho na boca. O garoto esqueceu sua bunda por um instante, fixando sua atenção na boquinha quente e úmida de Rafa, usando seus cabelos para pressionar e afastar seu rosto. Ele sentia como se estivesse sendo fodido, como se a garganta fosse seu cuzinho, e o advogado fodia sem pena, machucando e rasgando sua boca. Os movimentos logo se intensificaram e em poucos segundos ele sentia seu nariz e sua boca explodirem, a respiração pesar dentro do peito e as extremidades do corpo formigarem em busca de ar.

O advogado limpou as lágrimas que escorriam por sua bochecha, o olhar e o sorriso safado deixando claro quais eram suas intenções. Ele puxou os cabelos de Rafa até que a boca ficasse somente na cabecinha avermelhada e molhada. Observou aquela cena por alguns instantes, maravilhado, enquanto o novinho brincava com suas bolas sem tirar os olhos dos seus.

— Sai do carro – o advogado disse, ele mesmo abrindo a porta do seu lado. Contornou o automóvel, olhando de esgoela para a rua do outro lado do estacionamento, para a pouca iluminação dos postes e para poucas janelas iluminadas nos prédios ao redor. Se alguém estivesse fumando naquele momento, ou somente sentindo a brisa da madrugada, teria uma visão privilegiada de seu corpo semi nu. Ao contornar o carro até a porta do

passageiro, encontrou Rafa já de costas, as mãos apoiadas no teto, a bermuda arriada e o rabo empinado na altura perfeita. — Muito bem. Abre as pernas, isso. Vou cuspir na minha pica e meter sem pena, tá ouvindo?

— Sim...

— E vou meter no pelo – o advogado disse e logo depois o som pesado de seu cuspe irrompeu o estacionamento. Rafa escutou o som do líquido pegajoso cair com um baque surdo no membro rijo. Ele não conseguia ver nada, sentia somente a presença do advogado às suas costas, o calor de outro homem irradiando o seu. — Abre as pernas, porra.

Rafa afastou o máximo a bermuda deixava, pensou em se desfazer a roupa, mas já era tarde demais; seu corpo todo foi empurrado à frente quando o peso do advogado caiu sobre o seu. Seu pau duro e pulsante balançou quando sentiu o caralho grosso do advogado na pontinha da sua entrada. Primeiro a dor por excruciante, lhe fazendo questionar sua própria experiência, e depois sentiu cada célula do seu corpo, seu quadril e suas ancas doerem quando ele entrou de uma só vez, numa só investida e cuspidada. Os dois gemeram em uníssono, um urro de prazer por parte do advogado, um de dor por parte de Rafa.

— Cê é virgem, mano?

— Não...

— Apertado pra cacete – o advogado disse, investindo mais uma vez. Ele ainda segurava seu membro para que ele não escapasse daquela bundinha apertada e grande do passivo, mas logo segurou a mão do garoto com a sua e jogou seu peso sobre ele. — Agora assim... Rebola pra mim, rebola no meu pau.

Rafa sentiu os movimentos estancaram e sabia que era sua hora. Com os olhos vidrados num carro que esperava na sinaleira do outro lado da rua, começou a mover seu quadril para frente e para trás, sentindo seu cuzinho se abrir com o movimento, enquanto o advogado gemia, provavelmente de olhos fechados. Rafa mesmo imaginava um passivo a sua frente, tomando todo seu caralho, e isso fez com que ele se movimentasse com mais força e velocidade.

— Me diz o que fazer... *Porra!* – ele gemeu, mordendo a mão do advogado que ainda segurava a sua. — Me fode como se tirasse minha virgindade...!

O advogado não reagiu de primeira. No entanto, ele logo soltou a mão de Rafa, enterrou-a em sua cintura, a outra segurou o pau do passivo e

de uma vez só voltou a controlar os movimentos. Suas coxas grossas e peludas batiam no rabo do garoto com vontade, seu pau entrava agora sem dificuldades, e o anel apertado jorrava o líquido esbranquiçado que o ânus produzia.

— Seu cuzinho tá pedindo por mais – ele sussurrou no ouvido do garoto, chupando e mordendo seu pescoço, sua mão direita batendo uma punheta apressada para o passivo. — Tá sentindo ele se molhar todo pra mim?

Rafa não respondeu. Sem ver, ele sentia como se seu ânus estivesse inundado em saliva e sêmen, mas bem sabia que era apenas a lubrificação natural que era produzida por seu corpo. A cada estocada, quando a cabeça rosada do advogado deixava seu corpo coberta de cuspe, ele arfava antes de sentir o arrombar novamente. A segunda cuspida ajudou no atrito e logo não existia nada entre ele e o pau grosso do advogado. Seu rabo estava completamente arrombado para ele, não sentia nada além do prazer estático das estocadas em sua próstata. Uma das investidas tirou uma grande quantidade de líquido de seu interior e ele caiu pesado no asfalto nos seus pés.

— Tá salivando – o advogado disse, tirando seu cacete, ajoelhando-se no chão e enfiando o rosto entre as duas nádegas peludas e meladas. Sugou o líquido como quem bebia sopa, com vontade e em bom som, e sua língua se derramou naquele interior antes dele enfiar um, dois, três de uma vez só. — A vontade que eu tenho é de te arrebentar com meu punho... Mas vou me satisfazer com o pau.

Rafa sentiu sua cintura ser marcada pelos dedos fortes do garoto novamente, e dessa vez seu corpo caiu sobre o banco do passageiro. Com o peso do advogado completamente sobre o seu, com as pernas arregaçadas e o rabo aberto, ele só podia abafar seus gemidos no estofado enquanto as estocadas ficavam mais agressivas, pesadas e dolorosas. Ele não sabia dizer em que momento o prazer dera total liberdade à dor, mas seu corpo só conseguia esperar pelo fim, mesmo que seu pau pulsasse seu sêmen naquele estofado.

Rafa gozou duas vezes antes de sentir a porra do advogado o preencher. Ele gemeu com um urro exagerado, mas viciante, e Rafa queria sentir aquilo novamente. Três jatos entraram fundo em seu rabo, e outros em suas costas quando o advogado se retirou de seu interior. Ficou ali por alguns instantes, processando o que acabara de fazer, o sexo desprotegido

com um homem mais velho, as pernas bambas, sua família do outro lado da rua dormindo enquanto ele se entregava a um desconhecido.

— Abre o rabo com as mãos – o advogado disse. Rafa o fez segundos antes de um flash iluminar todo o carro. — Todo gozado, igual uma puta. Levanta, se veste e dá o fora.

De pé, Rafa virou-se em direção ao advogado. Ele já estava com a bermuda levantada, mas seu pacote ainda marcava no tecido. Rafa o apertou, sem tirar os olhos do advogado, que reagiu apenas com um sorrisinho enquanto olhava para a tela do celular, com o rabo de Rafa aberto e escorrendo porra.

— Quer meu número? – Rafa perguntou.

— Relaxa – o advogado se afastou, fechando a porta do passageiro.

— Sei onde te encontrar. Consegue ir sozinho?

Rafa concordou com a cabeça. — Vai fazer o que com a foto?

— Bater uma quando chegar em casa – ele já estava contornando o carro em direção à porta do motorista. — Faz assim, não apaga a conversa não, quando eu passar por aqui te chamo, valeu mano?

— Valeu.

— Agora vai indo que eu vou depois.

Sem qualquer tipo de despedias, Rafa seguiu seu caminho sem olhar para trás. Sentia os joelhos e as panturrilhas prestes a desistirem, assim como sua cueca parecia se encher do sêmen do rapaz ainda escorrendo de seu interior. Por sorte, a rua continuava deserta. Pegou a chave com o porteiro, subiu de escadas para prolongar a chegada até seu apartamento, certificou-se de que todos ainda dormiam e quando chegou à janela, não havia mais nenhum sinal do motorista. O aplicativo ainda estava aberto, o perfil ainda estava lá e não havia indícios de que seria bloqueado.

Deitou sem tomar banho, deixou que o sêmen o banhasse. Teria mais preocupações no dia seguinte, mas antes precisava dormir.

Sobre o autor

Lucas Nogueira é licenciado em Letras e apaixonado por literatura. Divide seu tempo entre filmes, séries de TV e um caderninho de rascunho para suas histórias. Sua série *De repente sexo* já acumulou mais de 143 mil páginas lidas na Amazon. Atualmente, ele publica sua nova série de contos *Garotos Safados*.

Leia também

Série Garotos Safados

[#1 Moleque safado](#)

"Deslizei minha mão por seu abdômen ainda suado do sol, sentindo seus músculos se contraírem ao primeiro toque de um homem. Ele me olhou intrigado, mas logo cedeu aos seus próprios limites, pois senti seu corpo relaxar a medida em que meus dedos se aproximavam do cócs de sua bermuda..."

Um motorista e um jovem hétero se encontram em uma tarde quente de verão, colocando à prova não só as amarras sociais, como também seus próprios limites morais e sexuais neste primeiro conto da série *Garotos Safados*. Quando a curiosidade se torna desejo? Quando o desafio se torna objetivo?

[#2 Sobrinho safado](#)

"Deixo que Renan controle os movimentos com as suas mãos enterradas agora em minha cintura. Fecho os olhos quando me coloco por inteiro, sentindo um puxão percorrer meu corpo. Ele ergue seu corpo a poucos centímetros de meu colo e então volta a deslizar para baixo, em movimentos rápidos e constantes."

O jovem Leonardo ainda precisa processar o término súbito com sua namorada após uma traição. Depois de conhecer o motorista Marcos, ele se entrega aos seus novos desejos à medida em que explora seu relacionamento sexual com o homem. No entanto, ao descobrir que seu sobrinho, Renan, é igualmente obcecado por seu corpo, Leonardo precisa expandir seus novos impulsos sexuais ao garoto.

[#3 Aluno safado](#)

"Quando afastei minha boca, uma quantidade considerável de saliva escorreu por meus lábios e então em seus pés. Não fiz questão de me limpar e deixei a saliva em meu queixo, como um troféu do que tinha acabado de fazer. Ainda estávamos de roupa, o único pedaço de corpo de

que tinha acesso era seus pés e seus braços à mostra, e mesmo assim os dois pareciam prestes a explodir em um orgasmo."

Renan está preocupado com seu desempenho acadêmico: os breves estágios de verão já não são suficientes para impressionar seus professores e a pressão dos colegas não ajuda. Decidido a conseguir uma bolsa de pesquisa, ele vai atrás de Helio Ojeda, o professor mais jovem e exigente do curso. No entanto, ele acaba descobrindo que a entrevista para a bolsa vai além de uma simples conversa durante um almoço, envolvendo também seus desejos carnavais.

#4 Vizinho safado

"Meus dedos sentiam sua pele macia contrastar com a aspereza de seus pelos. Seus mamilos estavam duros e pontudos, talvez pelo vento frio que vinha da janela, mas algo me dizia que era o vinho. Os pelinhos desciam por seu abdômen e desapareciam na samba canção, mas não me arrisquei em tocá-lo ali. Deixei que meus dedos encontrassem novamente seu peito e aproximei meu rosto contra seu pescoço. Seu cheiro era forte, mas agradável, e debaixo do perfume e do desodorante, consegui sentir o cheiro de sua pele, um almíscar natural".

O jovem professor universitário Hélio Ojeda está contente com o final de semana que se aproxima de forma adiantada para ele; três longos dias para corrigir avaliações, descansar e encontrar algum homem desconhecido de aplicativo. No entanto, uma chuva torrencial acaba com a energia em todo quarteirão e ele precisa repensar seu planejamento, o que inclui buscar assistência com seu vizinho, Marcos, com quem nutre uma atração ainda velada e mutuamente desconhecida.

Contos Avulsos

Chute a gol

"Jean jogava com seriedade. Ele movia-se rapidamente por entre os adversários, seu corpo esbelto driblando um de cada vez, passando a bola para Arthur e recuperando-a instantes depois. Ele se movia com agilidade, seus pés como dois riscos pela areia. Até então, seu corpo era a única coisa que me chamava atenção; seu torso suado, o cabelo grudado na testa com o suor, o abdômen fixo enquanto controlava sua respiração. Mas o jeito que seu olhar seguia os jogadores, que sua mente parecia

processar cada movimento, a forma que ele parecia determinado em vencer aquilo, me fez perceber que, na verdade, tudo nele me atraía..."

Neste conto independente, o jovem Marcelo está em ano sabático após o fim da universidade. Desafiado por si próprio a viver a vida de forma mais leve, ele passa a frequentar o círculo de amizades de seu irmão, regado a futebol, bebida alcoólica e garotas. Mas sua atenção é rapidamente fisgada por Jean, o jovem jogador de futebol e amigo próximo de seu irmão.

Considere avaliar este livro na Amazon.